



LHM

POEMANDO ATRAVÉS DA HISTÓRIA: MEMÓRIA HISTÓRICA DA GUINÉ-BISSAU NAS POESIAS DE TONY TCHEKA E LAGARTIXA NPASMADU

Sumaila Jaló* 1

*Universidade de Coimbra (FLUC/CES-UC)

e-mail: sumailadaguine@gmail.com

Resumo: Este artigo procura compreender o modo como três eventos históricos marcantes no percurso contemporâneo da Guiné-Bissau – a luta de libertação, o golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980 e o conflito político-militar de 1998-1999 – são abordados nas obras de poesia de Tony Tcheka e Lagartixa Okonhoko Npasmadu. A literatura guineense sempre se caracterizou como sendo um espaço de discussão de acontecimentos que marcam a memória social do país, sendo os três eventos acima referidos os mais representativos. Através de uma análise qualitativa mediada por algumas referências dos estudos de memória, o artigo procura compreender como a epopeia de libertação convive com a desilusão que se seguiu anos depois nas obras dos dois autores, sendo um da geração de escritores que se destacaram nos primeiros anos da independência da Guiné-Bissau e o outro com a primeira obra publicada em 2010, 37 anos depois da independência do país. As análises dos seus poemas demonstram como são instrumentos de contra-memória em relação às memórias oficiais veiculadas sobre os acontecimentos históricos discutidos neste trabalho.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Literatura; Memória Social; História; Poesia.

POEMING THROUGH HISTORY: GUINEA BISSAU'S HISTORICAL MEMORY IN THE POETRY OF TONY TCHEKA AND LAGARTIXA NPASMADU

Abstract: This article seeks to understand how historical events of the liberation struggle of Guinea-Bissau, the coup d'état of November 14, 1980 and the political-military conflict of 1998-1999 are addressed in Tony Tcheka's and Lagartixa Okonhoko Npasmadu's poems. Guinean literature has always been characterized as a space for discussing events that mark the social memory of the country, and the three events mentioned above are the most representative. Through a qualitative analysis mediated by some references of memory studies, the article will seek to understand how the epopee of liberation coexists with the disillusionment that followed years later in the works of

1 Doutorando no programa de Discursos: Cultura, História e Sociedade (FLUC/CES). Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), com a referência UI/BD/154286/2022, cujo financiamento permitiu a realização desta pesquisa. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2164-3377>.



the two authors, one belonging to the generation of prominent writers in the early years of Guinea-Bissau's independence, and the other with the first work published in 2010, 37 years after the country's independence. The analysis of their poems shows how they are instruments of counter-memory compared to the official memories conveyed about the historical events discussed in this paper.

Keywords: Guinea-Bissau; Literature; Social Memory; History; Poetry.

Uma literatura fundada na história e memória social do país

A literatura da Guiné-Bissau é profundamente marcada pela história recente do país. Aliás, o seu nascimento como forma de manifestação cultural nacional coincidiu com o início da mobilização para a luta que culminou com a conquista da independência e a derrota do colonialismo português. Não sendo esse fator um acaso, ele torna-se determinante na configuração dessa literatura como um espaço de “imaginação da nação” – emprestando a expressão de Benedict Anderson (2008) – através da ritualização de acontecimentos do passado, cujos fundamentos são transformados em referências partilhadas pelos sujeitos envolvidos na construção dessa identidade comum.

De acordo com Hobsbawn (2010), esse processo de criação identitária envolve um conjunto de dinâmicas pela invenção de uma forma de tradição, em que o passado é instrumentalizado para servir aos propósitos do presente, como é o caso de boa parte das obras da literatura guineense, na medida em que, nelas, as memórias dos principais atores e episódios da luta de libertação da Guiné-Bissau são recorrentemente invocadas como marcos fundadores da nação guineense. Essa literatura desde cedo serviu como instrumento de construção de uma ideia de emancipação do jugo colonial, sendo o próprio Amílcar Cabral, líder independentista da Guiné e Cabo-Verde, um cultor de poesia (BARROS; JALÓ, 2021), mas é também um lugar de celebração da epopeia fundacional da nação guineense. Por outro lado, as obras da literatura guineense são constituídas de acentuadas expressões de protesto contra o curso de sobressaltos que o país tomou desde o alvorecer da sua independência (AUGEL, 1998; MOREIRA, 2020).

Deste modo, o constante diálogo com o passado recente do país e a invocação testemunhal dos acontecimentos que marcam o meio século da existência do Estado da Guiné-Bissau fazem das obras literárias dos seus escritores autênticos instrumentos de memorialização, na medida em que os protestos nelas registadas encontram no passado, com frequência, figuras heroicas e episódios fundacionais a celebrar, em contraste com um



presente de desilusões que se pretende combater e ao mesmo tempo projetar um futuro que resgate os valores do patriotismo, ancorados nos protagonistas da luta de libertação nacional. É uma literatura escrita através dos “atalhos da história”, como Odete Semedo (2011, p. 21) demonstra numa metáfora bem conseguida. Porém, esclarece Valandro (2010, p. 38), não se trata de uma literatura que se pretende colocar no lugar da historiografia, mas que faz da memória social do país o seu terreno privilegiado, não só para participar na construção e consolidação da identidade da “nação africana forjada na luta” (CABRAL, 2008, p. 150), mas também como instrumento de confronto às narrativas oficiais – entendidas aqui como formulações discursivas dos dirigentes das instituições políticas do Estado guineense – sobre os mais controversos acontecimentos que marcam a curta história do país (AUGEL, 2007; LEITE, 2014).

Essa literatura é fortemente influenciada pelas tradições das diversas comunidades étnicas da Guiné-Bissau, que encontram na arte de contar e cantar, na celebração da oratura, veículos de transmissão e perpetuação da memória comunitária – o que Assman (2016) designa de “memória cultural” – e de iniciação aos mais novos membros da comunidade sobre a sua cultura. Neste artigo, argumentamos que, tal como nas comunidades tradicionais é reservado aos anciões (*garandis*, no dizer guineense) o papel de transmissão da memória cultural, na literatura guineense os escritores assumem o papel de guardiões dos acontecimentos que marcam a memória social do país. Com efeito, voltando ao estudo de Odete Semedo (2011), muitos poemas dessa literatura são autênticas canções que bebem das influências das cantigas tradicionais que abundam na literatura oral do complexo mosaico étnico-cultural da Guiné-Bissau, assim como muitas das canções mais populares do país derivaram de textos escritos por poetas que, feitos *griots*² nas suas lavras, cantam e contam o dia-a-dia do seu povo, o que torna os seus poemas autênticos veículos de “transmissão de uma história viva” (SECCO, 2011, p. 52).

Como vamos demonstrar mais à frente neste trabalho, é ao lado do povo que os escritores dessa literatura se colocam naquilo a que se pode chamar de batalhas pela memória, na linha do sentido formulado por Traverso (2012) no seu expressivo título *La historia como campo de batalla*. A ideia de que a memória seja um terreno de disputas em que o passado é revitalizado para lutas políticas no presente está mais do que consolidada nos

² *Griots*, figuras presentes em várias tradições africanas, são contadores/as de histórias que, frequentemente, remetem para acontecimentos marcantes na memória das suas comunidades.



anais dos estudos de memória (NORA, 1993; POLLACK, 1989; 1992; TRAVERSO, 2012), assim como não faltam trabalhos que procuram demonstrar como ocorre a relação de poderes nessa disputa pelo passado.

Na sua formulação a respeito da “teoria de hegemonia”, em que se inscrevem as disputas pelo passado, através de imposição de atos celebrativos e eventos de memorialização pelos detentores do poder hegemônico exercido sobre o resto da sociedade, Molden (2016, p. 126-127) demonstra como esse exercício político é feito de ações que procuram impingir a visão dos sujeitos à testa das instituições políticas hegemônicas ao resto da sociedade como sendo verdades naturais e únicas. Para o autor, o uso da “teoria de hegemonia” no estudo da memória coletiva – que preferimos tratar aqui de memória social, porque fundada na interação social (HALBWACSH, *apud* ASSMAN, 2016, p. 117), e da qual deriva a memória cultural, centro da discussão que desenvolvemos neste trabalho – tem a valência de possibilitar análises dos discursos políticos hegemônicos em relação às formas discursivas de “contra-memória” com as quais coexistem, situadas nas camadas sociais não hegemônicas dessa disputa pelo poder de narrativas sobre o passado.

Assim, o uso que fazemos do conceito de contra-memória deriva da formulação proposta por Molden (2016, p. 128), numa abordagem construída em diálogo com a perspectiva de Michel Foucault a respeito desta matéria. Nessa colocação, a contra-memória é definida como sendo narrativas sobre o passado que desafiam, ou mesmo contrariam, as bases sobre as quais se assentam as versões da historiografia oficial, hegemônicas, convenientes a um determinado poder estabelecido num contexto específico.

Valendo-se desta ferramenta teórica proposta por Molden (2016), conjugada com outras referências dos estudos de memória, este trabalho procura analisar seis obras de dois dos mais constantes poetas guineenses, Tony Tcheka e Lagartixa Okonhoko Npasmadu. A literatura é tomada aqui como parte do que Assman (2016, p. 118) considera de memória cultural, “no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural”, e encarando essas obras literárias, seguindo Jelin (2013, p. 227), como “produções culturais que buscam interpretações e explicações” dos acontecimentos do passado em disputa no presente. Deste modo, sem menosprezar os seus valores estético-literários, as poesias a analisar a seguir são encaradas sobretudo na sua dimensão memorialística.



Nessa luta pelo passado, os dois escritores cujas obras analisamos colocam-se do lado do povo – tido como vítima – sendo que as suas publicações assumem ser uma espécie de depositários dos seus sentimentos de celebração e de contestação partilhados com os seus concidadãos, na medida em que, como nota Semedo (2011, p. 21) “[...] são memórias construídas a partir de uma literatura atenta às questões sociais, políticas, religiosas e outras que, embora sendo ficção, não deixa de expressar as tensões sociais e ser dela testemunha para as gerações mais novas”. Este carácter de lugar de memória reforça o enquadramento que fizemos da literatura guineense no conceito de memória cultural proposto por Assman (2016), assim como o seu pendor de resistência face à construção da memória situada nos discursos oficiais das instituições políticas à testa do Estado.

Assim, os poemas analisados neste trabalho serão confrontados com as leituras dos discursos dos principais atores políticos envolvidos nos eventos históricos em que o nosso trabalho se foca, designadamente: a independência da Guiné-Bissau do domínio colonial português em 1973; o golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980, que derrubou o primeiro regime político da Guiné-Bissau; e o conflito político-militar de 1998-1999, que pôs fim ao mais longo consulado presidencial no país, com duração de 18 anos e encabeçado por João Bernardo “Nino” Vieira, então Presidente da República e Secretário-geral do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde).

Três razões justificam a escolha das obras de Tony Tcheka e de Lagartixa Npasmadu para a discussão desenvolvida a seguir: i) ambos abordam, nas suas obras poéticas, de forma clara e engajada, os três eventos históricos que são objetos de análise neste trabalho, o que permite o confronto dos seus conteúdos com as versões oficiais sobre os mesmos acontecimentos; ii) são dois autores cujas obras permitem um olhar intergeracional sobre as memórias relacionadas a esses acontecimentos históricos; e iii) porque seria uma tarefa complicada – para não dizer impossível – encontrar noutras fontes, como na música ou nos jornais guineenses, registos de memória que contrariassem as versões oficiais sobre os eventos históricos aqui tratados, com a clareza e continuidade com que são abordados nas obras dos dois poetas.

Tony Tcheka (n. 1951) – pseudónimo de António Lopes Soares Júnior – é escritor e jornalista, com participação nas antologias fundacionais da literatura guineense pós-independência, autor de três livros de poesia: *Noites de insónia na Terra adormecida* (1996), *Guiné – sabura que dói* (2008) e *Desesperança no chão de medo e dor* (2015); e de um livro de



contos: *Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba* (2020). Lagartixa Okonhoko Npasmadu é o nome literário de André Mendes (n. 1980), poeta e dos mais produtivos autores da nova geração de escritores da literatura guineense, com três publicações em poesia: *No compasso do primeiro passo* (2010), *A última missanga do meu colar* (2014) e *Nação afétéré* (2020).

ENTRE DISCURSOS OFICIAIS E AS POÉTICAS DE TCHEKA E LAGARTIXA: UMA ANÁLISE DE MEMORIALIZAÇÃO DE TRÊS EVENTOS HISTÓRICOS

O Estado da Guiné-Bissau nasceu de uma longa luta pela independência desencadeada pelo PAIGC, fundado a 19 de Setembro de 1956 e liderado por Amílcar Cabral até o seu assassinato a 20 de Janeiro 1973, ano em que, a 24 de Setembro, o partido proclamou a independência do país. O processo da luta que conduziu à independência é hoje recordado por guineenses e cabo-verdianos – mas também por outros cantos do mundo – com o significado de heroísmo e compromisso patriótico daqueles e daquelas que o desencadearam, sendo a figura do principal líder desta gesta histórica, Amílcar Cabral, o mais celebrado (CARDINA; MARTINS, 2018; CARDINA; NASCIMENTO RODRIGUES, 2022).

Porém, a mobilização para uma luta que teve uma ação de guerrilha contra o colonialismo português não foi um processo imune de convulsões de várias naturezas no interior do próprio movimento independentista, o PAIGC. Logo em 1964, um ano depois do início da ação da guerrilha contra a tropa colonial, Cassacá, uma localidade no Sul da Guiné-Bissau, acolheu o I Congresso do partido para, entre outras questões, sanar as suas disputas internas. Tensões que seriam de esperar no seio de militantes oriundos de diversos grupos étnicos – em muitos casos historicamente rivais – adicionadas a relações nunca pacíficas entre as alas guineense e cabo-verdiana do partido, foram as principais origens dessas desavenças. Aliás, essas seriam também das causas que estariam na origem do assassinato de Amílcar Cabral (SOUSA, 2016; MONTEIRO, 2019).

Embora muitos estudos tenham analisado suficientemente a complexidade do processo da luta de libertação da Guiné e Cabo Verde, o que tende a sobressair da memória que ainda hoje se tem dela é sobretudo o seu significado heroico e de uma revolução que pôs fim a “séculos de dor e esperança”, como reza o hino nacional da Guiné-Bissau, e



fundou duas nações³. A literatura guineense, compreendida aqui como um lugar de memória, desde as suas primeiras obras publicadas no período que se seguiu à independência, é caracterizada por essa celebração da valentia de quem lutou contra o colonialismo. Os títulos das duas primeiras antologias poéticas são ilustrativos desses cantos epopeicos: *Mantilhas para quem luta*⁴ (1977) e *Momentos primeiros de construção: Antologia dos jovens poetas* (1978). São obras marcadas pela euforia que se vivia naquele momento histórico em que a independência política da Guiné-Bissau já era uma realidade, ainda que da segunda antologia o título seja um demonstrativo da preocupação com a construção do progresso do país, um dos desígnios da luta (AUGEL, 1998, p. 93-98).

Da terceira coletânea de poemas de autores guineenses, intitulada *Antologia poética da Guiné-Bissau* (1991), entretanto, começam a surgir os sinais de renovação temática, visíveis sobretudo nos textos de Tony Tcheka que, não deixando de lembrar a gloriosa luta dos povos da Guiné e Cabo Verde pelas suas independências, aponta a pena a denunciar os desvios da governação do país dos propósitos da luta que o fundou (AUGEL, 1998, p. 109-110). Esse traço de protesto anunciado numa obra coletiva marcará fortemente a primeira publicação individual de Tony Tcheka, que, em “Melodia do desespero” (1996, p. 72-74), confessa:

[...]
Sinto os meus pés cansados
e tanto
tanto
por caminhar....

Datado de 1979, o poema é uma clara alusão à difícil situação em que a população do país recém-independente se encontrava. Seguem-se os motivos desse cansaço:

[...]
A bolanha adiou o parto
divorciou-se da enxada
na presença do Homem
que testemunhou o acto
O verde que habitava os campos saiu correndo
Hoje... mora a léguas da vontade sonogada
A barriga da criança minguada

³ Um interessante estudo de Cardina e Nascimento Rodrigues (2022) analisa a luta de libertação como um dispositivo mnemônico ainda hoje significativo em Cabo Verde, abrindo pistas para uma possível análise mais apurada do caso guineense.

⁴ Saudações para quem luta.



para se vingar da fome
 aliou-se à cabeça grande
 inchou
 inchou
 parece um balão
 flutuando no corpo menino
 É o cansaço
 a fome
 é uma dor aguda que atormenta a alma
 e asfixia a garganta
 [...] (TCHEKA, 1996, p. 72-74)

O recurso à imagem de “bolanha” como forma de retratar o cenário da “fome”, encarnada no corpo de uma “criança”, é ilustrativo de como o poeta escreve de olhos postos nas camadas sociais mais vulneráveis ao sofrimento retratado no poema. Ademais, “a bolanha”, terreno de cultivo de arroz, a base da dieta da população guineense, por isso, lugar de abundância e do “verde” da esperança, é apresentada num cenário de adiamento do “parto” – que se pode interpretar como referência ao adiamento da colheita – porque se “divorciou da enxada”, instrumento com que se lavra a terra. Está-se perante um retrato da situação de fome na Guiné-Bissau, uma das razões que seriam usadas mais tarde para justificar o golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980, acontecimento ao qual voltaremos mais à frente.

Conforme analisam Moreira (2020) e Correia (2022), Tony Tcheka é um poeta engajado e, por isso, atento ao dia-a-dia do seu povo, às tensões sociais e políticas que marcam o seu país. Na “Poesia brava” (1996, p. 81-82), que dá nome ao capítulo mais extenso do seu primeiro livro e onde reúne textos com forte cunho de denúncia, o autor anuncia esse propósito poético militante:

[...]
 Não seremos poesia-rosa
 nem versos para serões
 dos novos barões
 Nascemos na tabanca
 somos poesia-brava
 filhos de noites sem estrelas
 noites ensanguentadas
 quando papá saiu
 sem mais voltar
 mamá ficou... flácida
 só tormentos



E a sua militância inscreve-se na memória da luta de libertação do seu país, da qual se assume um continuador:

[...]
 Cremos no hoje
 caldeado nas convulsões de Pindjiguiti
 no amanhã sonho flor
 sem recuos compromissos
 ou discursatas
 capeados pelo suave odor da luta (TCHEKA, 1996, p. 81-82)

As referências a “Pindjiguiti” – lugar de memória que recorda o massacre de estivadores dos Portos de Bissau pelo colonialismo português, a 3 de Agosto de 1959 (ROQUE, 2018) – e à 'luta' são ilustrativas do significado que a luta de libertação tem na obra do poeta enquanto acontecimento de inspiração para as lutas que se seguiam. Ao mesmo tempo, os conteúdos dos textos que fazem esta primeira obra do Tony Tcheka – e as outras duas de que analisaremos alguns textos mais à frente – são bons exemplos de que a literatura, enquanto veículo de memória social, conforme nota Jelin (2013, p. 277), constitui uma poderosa ferramenta de contra-memória. No caso do Tcheka, convém afirmar, essa arma é colocada ao serviço da população oprimida pelos detentores do poder político hegemônico.

Este carácter engajado com as questões do presente e de celebração da memória da luta pela independência como ritual de inspiração para as lutas contemporâneas é da mesma natureza na poesia de Lagartixa Okonhoko Npasmadu. A construção de *Nação afétére* (2020), último dos três livros de poesia do autor, é toda ela feita de um simbolismo marcado por essa luta. O livro tem 74 poemas, que pretende evocar 1974, o ano em que Portugal reconhece a independência da Guiné-Bissau, entretanto, proclamada em 1973 nas matas de Boé, uma vila no Leste do país, logo a seguir reconhecida por 60 países e, em Outubro do mesmo ano, pela Organização das Nações Unidas (ONU), cuja missão comprovara, um ano antes, o domínio do PAIGC sobre dois terços do território guineense (LOPES, 2015 p. 76-78).

Os textos no livro fazem uma incursão pela história do país através de testemunhos e recordações de memórias vividas e recebidas socialmente, já que Lagartixa Npasmadu só nasceu em 1980 e, por isso, não viveu a luta que conduziu o seu país à independência, diferentemente do que sucede com Tony Tcheka. Logo pelos títulos, os dois textos escritos



em *kriol* (língua guineense), e que abrem o livro, anunciam o seu propósito de memorialização: um é “Na kunsada” (no começo, traduzido) e outro é “Purmeru tiru” (primeiro tiro). Escritos em língua guineense, o primeiro poema é uma recordação do Massacre de 3 de Agosto de 1959 como ato fundador da luta pela independência da Guiné-Bissau, enquanto o segundo poema constitui uma alusão ao início, a 23 de Janeiro de 1963, da luta desencadeada pelo PAIGC (NPASMADU, 2020, p. 10-11).

Se nesses primeiros textos o tom é de celebração da epopeica vitória da guerrilha do PAIGC contra o colonialismo português, o poeta não demora a dar um passo na direção de expressões que denunciam atos que põem essa “Divisa nacional” (p. 18) em causa. A referência à “divisa nacional” remete para as palavras de ordem do partido independentista: “Unidade, Luta e Progresso”, dispostas num acróstico que protesta contra as lutas fratricidas pelo poder político na Guiné-Bissau, sendo elas codificadas numa suposta busca de “progresso”, mas que aniquila os legados de “unidade e luta”. O resto do livro será um forte ataque a esse desvio dos ideais cabralistas que conduziram o país à independência.

Unidadi fasinu nganha guera⁵
 Na unidadi no na kumpu tera
 I papiadu disna ku kolom serkadu
 Disna tarda i fasi parti di no storia
 Amanha amanha pasada na pasiantadu
 Djemberem di sabura na firmantadu
 Entrada di kasaka ka na diskisidu
 Lutu gueriadu risu kankaram
 Urdimunhu nguli si bentu mal bensidu
 Turbada di tabanka serka mangafianu
 Asalmas firma tcham pa moransa ka tchora
 Pruntia pruntiadu na kambansa di nsalma
 Ribada bidadu na entrada di bissau sinhu
 Osantis balentis na nheme kumpanher
 Gloria di aonti nteradu bedju na lama
 Ribada pa tabanka prenha utru kolom
 Elis e ka bai... anos ku tem ku kume
 Satisa di progresu na nguli unidadi
 Solusom i mama nghutru kala kaladu
 Omis na djungu omis na npinha alma
 (NPASMADU, 2020, p. 18)

⁵ Tradução livre e literal do poema: “A unidade fez-nos ganhar a guerra / Na unidade havemos de contruir o país / Assim foi dito desde a expulsão do colonizador / Há muito que é assim na nossa história / Para amanhã a memória ser transmitida / Construir-se a felicidade / Sem se esquecer de onde tudo começou // Luta feita prova de resistência / O redemoinho engoliu o seu azarento vento / A trovoadá da tabanca expulsou o fulano / Os ancestrais da morança resistiram ao choro // De olhos na travessia de nsalma / Gente do interior transformada à entrada de bissauzinho / Corajosos valentes de outrora comendo-se mutuamente / A glória de ontem há muito enterrada no lodo / Gente do interior para a tabanca em gestação de outro colonizador / Eles não foram... nós é que temos de comer / A chatice do progresso engolindo a unidade / A solução é comer-mos em silêncio / Homens a dormirar homens alienando as almas”.



Esse desvio da ideologia do PAIGC que iluminou o caminho para a independência estaria na origem de um golpe de estado militar desencadeado pela ala guineense do partido em Bissau, liderado por João Bernardo “Nino” Vieira, um destacado comandante militar na luta de libertação e então a exercer as funções do Comissário Principal, equivalente ao que hoje é o cargo de Primeiro-Ministro. Nos anos que antecederam o golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980, o país vivia uma profunda crise econômica, a população perdia o poder de compra de produtos de primeira necessidade que, por sua vez, escasseavam no mercado, e sucediam-se casos de repressão política desencadeada pelo regime às vozes que lhe eram opostas. Ao mesmo tempo, eclodiam graves tensões entre as alas cabo-verdiana e guineense do PAIGC, portanto, atualizando um dos motivos que contribuíram para o assassinato de Amílcar Cabral em 1973 (NÓBREGA, 2003; LOPES, 2015; MONTEIRO, 2019). Adicionado a todos estas causas⁶ que precipitaram o levantamento militar, Nino Vieira fala mesmo de “deturpação do princípio da Unidade Guiné-Cabo Verde e na introdução do divisionismo no seio dos militantes, responsáveis e dirigentes” (NÓBREGA, 2003, p. 220).

Certo é que os anos de governação que se seguiram ao golpe de 1980 não melhoraram a situação econômica do país, tão pouco acabaram com perseguições políticas e disputas internas no PAIGC, como analisa o estudo de Monteiro (2019, p. 274), ou evitaram o abandono da linha ideológica marxista-leninista de viés pan-africanista com que o PAIGC se identificava. Todas estas contradições políticas encontram eco nas obras poéticas analisadas para este trabalho, sendo as de Lagartixa Npasmadu aquelas onde são mais explicitamente referidas. Não querendo isto dizer que este período histórico não seja tematizado nas obras de Tony Tcheka, a diferença é que nestas a questão aparece mais encoberta pelo engenho artístico-literário.

Em “A última missanga do meu colar” (2014, p. 61), poema que dá título ao segundo livro de poesia de Lagartixa, o autor aborda os dissabores pelos quais a Guiné-Bissau tem passado. Porém, recusa-se a perder a esperança em dias melhores para o povo, de que faz parte e, por isso, a “última missanga do colar” simboliza o que restava da sua esperança perante o contexto em que o poema foi escrito, no rescaldo do quinto golpe de estado militar

⁶ O número 754 de Nô Pintcha, jornal estatal guineense, edição de 29 de Novembro de 1980, uma semana após o golpe, constitui um significativo depositário de propaganda política para a legitimação do levantamento militar. Disponível em: <https://nopintcha-chul.letras.ulisboa.pt/pdf/2020-01/No-Pintcha-1980-no-754.pdf>.



a acontecer no país, em 2012. No poema, o golpe de 1980 é lembrado como evento que marca o início da destruição da Guiné-Bissau:

[...]
 em oitenta pragas lançadas
 se partiram noventa e oito missangas
 das duas que se perduraram no meu peito
 um lesto se entregou ao eterno incesto.
 assim fiquei fico e ficarei
 enquanto o meu corpo aguentar
 com a última missanga coadjuvarei
 enquanto o meu peito pulsar
 com coragem a força buscarei
 enquanto sincronizar o pedalar
 um novo e forte colar construirei
 enquanto abraçar o sonhar (NPASMADU, 2014, p. 61)

Para além de ser antecedida por uma estrofe que recorda a luta de libertação “com orgulho firme”, a segunda estrofe do poema lembra “noventa e oito missangas”, numa referência ao ano da guerra político-militar que é mais à frente abordada neste artigo. Ou seja, se para Tony Tcheka o protesto contra os desvios dos propósitos da luta aparece nos poemas antes de 1980, o que faz desses textos importantes testemunhos a adicionar ao que a historiografia apresenta como antecedentes que estiveram entre as causas do golpe, para Lagartixa Npasmadu é o golpe de 1980 que abre caminhos para a desgraça que procura expurgar com os seus poemas, contrariando os discursos oficiais, como o de Nino Vieira, que, nas primeiras declarações à imprensa, após o golpe, apresentava o levantamento militar como sendo “para servir o povo” (NÔ PINTCHA, 1980, p. 8).

Recordemos que, enquanto Tony Tcheka viveu, já escritor, os primeiros anos da independência, Lagartixa nasceu mais tarde, em 1980. Estas diferenças, que podem parecer insignificantes no modo como os dois autores situam o que denominamos aqui de 'origem da desesperança' nas suas poesias, tornam-se expressivas quando entendidas como ilustrativas de como a construção da memória sobre acontecimentos que marcam o passado de uma sociedade, neste caso através da literatura, pode revelar pormenores que iluminem o quanto pode variar a forma como se interpreta um acontecimento do passado – a memória – entre quem o tenha vivido e aquele que apenas o recebeu através de vários mecanismos da sua transmissão no presente.

No poema de 1992 “Ason” (1996, p. 75-76), expressão que na língua guineense é um chamamento (apóstrofe) a alguém, quando não se quer referir o seu nome próprio, Tony



Tcheka dirige-se a uma entidade que se subentende, de forma evidente, ser a identidade de um 'camarada' da luta pela independência a quem recorda as promessas dos tempos idos:

Ason
 ontem em Quitáfine⁷
 na noite iluminada
 pelo fósforo ardendo
 tudo queimando
 falaste-me do amanhã
 na vida sã
 desenhaste a independência
 com
 brocados
 de
 seda
 falaste-me em pão
 para
 cada
 boca
 justiça
 para
 cada homem
 liberdade para todos
 [...]

Promessas esquecidas e, por isso, dão lugar ao protesto do sujeito poético com o seu camarada:

Ason, Ason
 hoje procuro-te
 e não te encontro
 mas sei que estás
 por aí...
 Circulas nesse labirinto
 de corredores lóbregos
 enquanto badalam
 horas imberbes
 em que ao meio-dia
 a noite é senhora (TCHEKA, 1996, p. 75-76)

Inserido no contexto histórico da sua escrita, não é difícil verificar que o poema se trata de uma crítica direcionada aos titulares políticos das instituições do Estado da Guiné-Bissau no período que se seguiu ao golpe de estado de 14 de Novembro de 1980.

Já em “Fobia” (1996, p. 90), escrito em 1987, uma coincidência que pensamos ser importante incluir nesta análise é apresentada assim:

⁷ Um dos teatros da luta armada pela independência no Sul da Guiné-Bissau.



Sonegada a palavra
o tempo amarga
o diálogo azeda
- pontão de Caió desespera
despontam punhos de seda
que abafam o manto sagrado de Mané e
Tagmé
trazem ases na manga
e biscam os parceiros
- a bolanha está em quarto minguante
e nós
descemos
na
vazante! (TCHEKA, 1996, p. 90)

Mais do que a musicalidade da rima presente em “Mané e Tagmé”, trata-se de apelidos que remetem para Ansumane Mané e Tagme Na Waie, dois ex-combatentes pela independência da Guiné-Bissau que se tornaram nos principais protagonistas da guerra que, entre 1998 e 1999, pôs fim ao longo reinado de 18 anos de Nino Vieira. Não sendo provável que esta coincidência seja uma previsão de que as duas figuras seriam protagonistas do conflito que ia eclodir 11 anos após a escrita do poema, não deixa de ser um texto que trazia no conteúdo os sinais da instabilidade governativa que tornava o futuro do país imprevisível. Aliás, talvez consciente dessa coincidência, Tony Tcheka incluiu o poema no seu segundo livro, de 2008, onde a memória do conflito político-militar de 1998-1999 está inscrita em vários poemas.

Num estudo publicado em 2001, Lars Rudeback analisa os confrontos entre a autodenominada Junta Militar e forças leais a Nino Vieira, mas também o papel das organizações da sociedade civil, na sua diversidade, e de partidos políticos da oposição, para o desfecho do conflito. Por este alcance do horizonte analítico que o autor realiza na sua obra, será a principal âncora usada aqui para compreender as perspectivas das instituições políticas e cívicas em relação à memória que Lagartixa e Tony constroem do mesmo conflito. Tal como nos estudos que se seguiram mais tarde (NÓBREGA, 2003; LOPES, 2015), os factos identificados como sendo as principais causas da guerra são: i) tensões geradas pelas disputas no VI Congresso do PAIGC, num cenário que antecedia as segundas eleições legislativas supostas a realizar no mesmo ano, já que as primeiras se realizaram há quatro anos; ii) exoneração de Ansumane Mané por Nino Vieira das funções do CEMGFA (Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas), por alegada



responsabilidade no tráfico de armas ao movimento independentista do Casamança, região senegalesa na fronteira Norte com a Guiné-Bissau; e iii) o descontentamento causado nos quartéis pelas más condições de tratamento aos militares, o que rapidamente granjeou solidariedade de um número significativo de ex-combatentes da liberdade da pátria, descontentes com a difícil situação em que sobreviviam, enquanto companheiros seus nas rédeas do poder ostentavam luxo. Estavam, assim, criadas as condições para o despoletar de uma sangrenta guerra que ia durar onze meses, entre Junho de 1998 e Maio de 1999.

Para os partidos da oposição e alas do PAIGC opostas a Nino Vieira, o conflito era uma oportunidade de virar uma página de governação que durava há 18 anos, pelo que o apoio à Junta Militar era muitas vezes alimentado por recordações de casos de perseguição política e assassinatos que aconteceram durante esses anos. Para as organizações da sociedade civil, que experimentavam o seu aflorar, possibilitado pela recente abertura do país à democracia, em 1991, e para a igreja católica, que teve um papel preponderante na procura da paz, a guerra foi vista num ângulo diferente que não esquecia a situação de abandono em que a população se encontrava, por responsabilidade daqueles que então se dividiam em duas facções a piorar o sofrimento dos guineenses (RUDEBACK, 2001; NÓBREGA, 2003). É deste lado, o do povo, que, mais uma vez, se posicionam os autores da literatura guineense na construção da memória da guerra de 1998-1999.

Para Lagartixa Npasmadu, que vivia em Bissau aos seus 18 anos de idade e testemunhou a destruição da sua terra natal, a memória da guerra é construída a partir das “Saudades” (2010, p. 25) dos tempos em que era parte de

[...]
crianças que não conheciam a guerra
crianças que não sabiam escrever a palavra arma
crianças que não sabiam o que era o refúgio
ai que saudades!

Um tempo que contrastava com o que restava de um país com a capital em destroços e minas ainda semeadas nos seus atalhos:

agora
já não oiço as lindas músicas
dos pássaros que costumavam embelezar o espaço
com as suas lindíssimas cores
agora
já não podemos brincar nas nossas lalas



por medo do inimigo enterrado
 já não podemos pedir brinquedos
 que aparecem logo as granadas
 agora
 só resta a tristeza infinita
 nos nossos olhos inocentes
 só destilam lágrimas de sofrimento (NPASMADU, 2010, p. 25).

Este estado de trauma coletivo é igual em Tony Tcheke, que, nos seus testemunhos poéticos sobre a mesma guerra, com um espaço significativo nas suas duas últimas obras de poesia e de forma mais explícita do que como recorda o golpe de estado de 1980, fala de uma “Terra sofredora” (2008, p. 30-31), num cenário de doloroso “Êxodo” citadino (p. 35) e no percurso do qual inúmeras mães viram o seu “Bambaran dita na baleta”⁸ (2015, p. 98-99). É, porém, no poema intitulado “da guiné ao saramago” (2008, p. 61) que a veia jornalística do Tcheke escreve a mais denotativa lembrança da guerra que acompanhou a partir de Portugal. Conforme explicado pelo poeta numa nota de rodapé inserida no livro, o poema foi escrito na “Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa (1998)”, numa sessão de homenagem a José Saramago, escritor português que acabara de ser galardoado com o Prémio Nobel de Literatura. O cenário referido pelo poema é o de uma Guiné-Bissau em “choro calado”, em que:

[...]
 o ritmo é marcado pelo compasso fúnebre de obuses, granadas e minas
 traiçoeiras ceifando vidas
 semeando o caos e a destruição.
 os escritores, poetas, músicos, artistas foram desalojados e
 feridos na alma. dizem os correspondentes de guerra que uma
 grande parte do património cultural da guiné-bissau foi
 barbaramente destruído por tropas estrangeiras acantonadas no
 Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), perdendo-se estudos,
 pesquisas, obras literárias e documentos históricos. uma parte
 significativa da memória do país foi reduzida a cinza.
 [...] (TCHEKA, 2008, p. 61)

Mediados pela teoria de hegemonia, na linha proposta por Molden (2016), ficam analisados poemas de uma literatura que, na batalha pela memória, confronta a narrativa construída pelo poder político hegemónico, representado aqui por dirigentes políticos que, em parte, protagonizaram os acontecimentos analisados neste artigo. No caso específico das

⁸ Banbaran é o pano que as mulheres usam na Guiné-Bissau para levar as crianças à costa. A imagem que o poeta pretende transmitir com o título do poema é de trágicos episódios de mães que foram mortas com filhos às costas, no conflito político-militar de 1998-1999.



lembranças da guerra de 1998-1999 na Guiné-Bissau, as organizações da sociedade civil, como referimos atrás, partilham com os escritores a trincheira de contra-memória que se afirma nessa disputa. Por exemplo, para Malam Bacai Sanhá, Presidente da Assembleia Nacional Popular durante a legislatura que culminou com o confronto armado de 1998-1999, após o qual foi chamado a exercer as funções de Presidente da República interino, citado por *Nô Pintcha* (1999, p. 8), o levantamento militar tornou-se inevitável para “acabar com a concentração de poderes à volta de uma só pessoa, que ele chamou de general de “50 estrelas” e “que gozava de culto de personalidade”. Em contraste, como vimos até aqui, os textos poéticos de Tony Tcheka e de Lagartixa Npasmadu sobre o mesmo acontecimento colocam a tônica nas suas consequências devastadoras para o país e contra a população civil.

Num contexto de escassez de documentos arquivísticos e até de recursos pedagógicos, como é o exemplo de falta de manuais escolares, que podiam servir de meios de acesso e/ou de transmissão de memória histórica, a literatura guineense, enquanto instrumento de memória, como demonstramos neste trabalho, através das obras de Tony Tcheka e de Lagartixa Npasmadu, assume um papel pedagógico importante nessa tarefa de registo e discussão da memória social guineense, que vários dos seus autores assumem através das suas obras. Esta constatação, porém, não deve ser encarada no sentido de a literatura guineense poder substituir a História na sua função de estudar os acontecimentos do passado, muito menos no sentido de ser usada no lugar de outras formas de testemunho sobre o passado. Pelo contrário, é nossa convicção de que as obras literárias guineenses constituem suportes úteis a diferentes formas de discussão sobre os acontecimentos históricos do país, considerados na sua polifonia e complexidade.

Considerações finais

As narrativas sobre o passado construídas pelas estruturas militares e políticas hegemônicas na Guiné-Bissau – principais partidos políticos do país e seus dirigentes – são marcadas por muitos esquecimentos intencionalmente impostos à sociedade. O período das campanhas eleitorais e contextos da chamada “transição do poder para civis”, depois de cada golpe de Estado, constituem exemplos elucidativos de como o silêncio e esquecimento sobre acontecimentos do passado são construídos dependendo dos interesses políticos do grupo ou individualidade que rememora.



Ainda hoje, nos discursos dos dirigentes do PAIGC durante uma campanha eleitoral, a memória da luta de libertação conta como capital político indispensável na construção da imagem do partido no presente. No sentido contrário, crises políticas que tiveram origem nas disputas internas no mesmo partido tendem a ser silenciadas, porque serão interpretadas como sendo páginas negativas da sua história⁹. Porém, aos olhos da oposição ao PAIGC, de que convém destacar o Partido da Renovação Social (PRS), os meandros que conduziram aos contornos dos conflitos analisados neste trabalho são mais recordados na parte que é prejudicial aos 'libertadores', silenciando o papel dos 'renovadores', por exemplo, no que toca ao apoio à Junta Militar durante a guerra de 1998-1999.

Da parte dos militares, a imposição de decretos de amnistias que procuram apagar as suas responsabilidades depois de cada subversão da ordem constitucional é parte do que Mendes (2013, p. 28-29) analisa no seu estudo como sendo causas da impunidade na Guiné-Bissau. As duas formas de silenciamento analisadas aqui vão ao encontro da reflexão de Winter (2010) sobre o modo como o silêncio é resultado de uma construção social – mas também política, digamos – sendo essa construção possível de acontecer de variadas maneiras, como demonstra o estudo de Connerton (2008), e condicionada pela situação pessoal de quem lembra ou esquece um acontecimento passado, bem como do contexto sociopolítico em que vive, que pode ser favorável ou desfavorável à recordação de determinadas memórias.

As obras poéticas analisadas neste trabalho são claras na afirmação dos seus propósitos de quebrar esse silêncio como forma de protestar contra as estruturas políticas que responsabilizam por acontecimentos do passado que impedem um presente melhor para os guineenses. Na “Poesia brava” (1996, p. 81), Tcheka é objetivo: “Não seremos / monges do silêncio”; ou quando se roga nas ondas de Kussilinha (1996, p. 71), rio Geba – um lugar-comum na sua poesia – para incitar o povo a quebrar o silêncio que o faz “falar calado e cantar magoado”. Na mesma busca, Lagartixa conta-nos como se deu o seu “Quebrar o mukur-mukur” (2010, p. 54), isto é, quebrar o silêncio:

soltou-me o grito
no lusco-fusco

⁹ Nas vésperas da guerra de 1998-1999, Rey David, um dos mais aclamados músicos guineenses daquele tempo, incluiu “Antidelis” (entre eles) no seu único álbum discográfico, intitulado “Alô Guiné”. A música é uma interessante desconstrução dos silêncios e esquecimentos dos contornos das disputas internas que marcam a história do PAIGC até aquela altura. Disponível em: <https://youtu.be/QljuilcG1f0>.



a minha juventude
 prendeu a revolução
 e o grito escapuliu
 da minha virgem garganta
 [...]

A “revolução” de que fala o poeta são os olhos constantemente postos na construção de um futuro melhor, ainda que incerto, como representado em “Lua nobu”¹⁰ (2020, p. 86), um poema feito de um silêncio profundo, que só não é total porque tem um título e fecha o último livro do autor. O mesmo futuro risonho almeja Tony Tcheka para a sua “Rosa de canteiros perdidos” (2008, p. 22), uma alusão carinhosa à Guiné-Bissau, apesar de conter, subjacente, também o paradoxo da angústia provocada pelos constantes sobressaltos a que o país é exposto:

[...]
 minha rosa sei que sonhas
 mesmo que a dor fira a Firkidja¹¹ d’Alma
 e moa o etéreo do teu ser
 caminhando subirás às colinas do teu Boé.

O sonho e a esperança num futuro melhor não deixam de ser fundados na gloriosa memória de Boé, berço da proclamação da independência da Guiné-Bissau em Setembro de 1973.

As poesias que acabamos de analisar constroem-se de olhos postos no dia-a-dia dos guineenses, no país e nas suas diásporas. São poesias que procuram exorcizar os males do passado que teimam em se repetir no presente. Elas não só apontam para os males que não se quer que repita, mas também as suas causas. São poemas que constroem uma memória ancorada no desejo de um futuro melhor para a Guiné-Bissau e para os guineenses.

Referências

A NOSSA revolução á para servir o povo. **Nô Pintcha**, Bissau, ano V, n. 754, 29 nov. 1980, p. 8.
 Disponível em: <https://nopintcha-chul.letras.ulisboa.pt/pdf/2020-01/No-Pintcha-1980-no-754.pdf>

¹⁰ Lua nova, que no imaginário social guineense é tida como sinônimo de renascença, de renovar de esperança.

¹¹ Na nota explicativa apresentada na obra, o autor refere que a figura de Firkidja é usada em representação de um antepassado.



- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Trad.: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-128, jan./jul., 2016. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>
- AUGEL, Moema Parente. **A Nova Literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 1998.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro**: Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2007.
- BARROS, Miguel de; JALÓ, Sumaila. A fome e o trabalho agrícola como alicerces da soberania cultural e política em Amílcar Cabral. **Novas Letras**, Praia, n. 5, p. 80-84, set. 2021.
- CABRAL, Amílcar. Mensagem do novo ano (Janeiro de 1973). In: **Documentário** (textos políticos e culturais). Lisboa: Edições Cotovia, 2008. p. 145-166.
- CARDINA, Miguel; MARTINS, Bruno Sena (Eds.). **As voltas do passado**. A guerra colonial e as lutas de libertação. 1a. ed. Lisboa: Tinta da China, 2018.
- CARDINA, Miguel; NASCIMENTO RODRIGUES, Inês. **Remembering the Liberation Struggles in Cape Verde: A Mnemohistory**. 1.a ed. London: Routledge, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003265535>
- CONNERTON, Paul. Seven types of forgetting. **Memory Studies**, v. 1, n. 1, p. 59-71, jan. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750698007083889>
- CORREIA, Eugénio Nunes. **A poesia de Tony Tcheca na compreensão da realidade social guineense**. 2022. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/44794>
- HOBSBAWM, Eric. Introduction: Inventing Traditions. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **The invention of tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-14.
- JELIN, Elizabeth. Memoria y democracia. Una relación incierta. **Revista Política**, v. 51, n. 2, p. 225-241, mai./ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5354/0716-1077.2013.30162>
- LEITE, Joaquim Eduardo B. da Costa. **A Literatura Guineense**: Contribuição para a Identidade da Nação. 2014. Tese. (Doutoramento em Letras) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.
- LOPES, Catarina. **Recortes da História da Guiné-Bissau**. Vigaprintes Lda, 2015.
- MALAM Bacai Sanha rejeita distinções étnicas ou à base da cor. **Nô Pintcha**, Bissau, ano XXIII, n. 1600, 3 set. 1999, p. 8. Disponível em: <https://nopintcha-chul.letras.ulisboa.pt/pdf/2020-12/No-Pintcha-1999-no-1600.pdf>
- MENDES, Pedro Rosa. **Guiné-Bissau - 40 anos de impunidade**. Bissau: LGDH, 2013.
- MOLDEN, Berthold. Resistant pasts versus mnemonic hegemony: On the power relations of collective memory. **Memory Studies**, v. 9, n. 2, p. 125-142, abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750698015596014>



- MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Discurso Nacional e Etnicidade em África**. O caso da Guiné-Bissau (1959-1994). Curitiba: Appris, 2019.
- MOREIRA, Francisco Renê. Da longa noite colonial ao novo alvorecer do chão de dor: História e protestos na poesia da Guiné-Bissau. In: ROLON, Renata. **Resistência e subjetividade nas literaturas africanas de língua portuguesa: estudos críticos em novas vozes**. Manaus: Editora UEA, 2020. p. 78-108.
- NÓBREGA, Álvaro. **A Luta pelo Poder na Guiné-Bissau**. Lisboa: ISCSP-UTL, 2003.
- NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NPASMADU, Lagartixa Okonhoko. **A última missanga do meu colar**. Euedito, 2014
- NPASMADU, Lagartixa Okonhoko. **Nação Afétéré**. LON Edições, 2020.
- NPASMADU, Lagartixa Okonhoko. **No compasso do primeiro passo**. Euedito, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução: Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução: Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- ROQUE, Sílvia. Massacre de Pindjiguiti, Bissau (1959). In: CARDINA, Miguel; MARTINS, Bruno Sena (Eds.). **As voltas do passado**. A guerra colonial e as lutas de libertação. Lisboa: Tinta da China, 2018, p. 33-39.
- RUDEBECK, Lars. **Colapso e Reconstrução Política na Guiné-Bissau (1998-2000)**. Um Estudo de Democratização Difícil. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 2001.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó. Sonhos, sangue, perplexidades, esperança... Um percurso pela poesia da Guiné-Bissau. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete Costa (Org.). **Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história**. Porto: Edições Afrontamento, 2011, p. 49-66.
- SEMEDO, Odete Costa. Literatura guineense: entre a (re)criação e os atalhos da história. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete Costa (Org.). **Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história**. Porto: Edições Afrontamento, 2011, p. 17-48.
- SOUSA, Julião Soares. O assassinato de Amílcar Cabral em Conakry. In: Amílcar Cabral (1924-1973). **Vida e morte de um revolucionário africano**. Coimbra: Edição de Autor, 2016, p. 519-570.
- TCHEKA, Tony. **Desesperança no chão de medo e dor**. Bissau: Corubal, 2015.
- TCHEKA, Tony. **Guiné - sabura que dói**. UNEAS, 2008.
- TCHEKA, Tony. **Noites de insónia na terra adormecida**. Bissau: INEP, 1996.
- TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar*. História, memória e política. Edições Unipop, 2012.



VALANDRO, Letícia. Memória e construção da nação guineense. **Veredas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Santiago de Compostela, v. 14, p. 33-56, dez. 2010.
<https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/87>

WINTER, Jay. Thinking about silence. In: BEN-ZE'EV, Efrat; GINIO, Ruth; WINTER, Jay. **Shadows of War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 3-31. Disponível em:
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511676178.002>

